



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após reunião sobre crise financeira mundial**

**Nova Iorque-EUA, 24 de setembro de 2008**

**Obs.: A íntegra desta entrevista será disponibilizada oportunamente**

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Penso que a reunião foi muito importante, porque mostrou a preocupação de muitos líderes mundiais com a crise americana. Nós achamos que a partir dessa crise americana, além de apoiar o fundo que o presidente Bush está anunciando, que não sabemos se o Congresso americano vai votar... Mas acho importante que se crie um fundo para resolver esse problema, para não permitir que a crise se alastre para os países em desenvolvimento e venha a afetar os países mais pobres do mundo, com recessão e com desemprego.

Montamos um calendário de reuniões, em que os ministros da Fazenda vão se reunir. Já tem uma convocação do FMI para daqui a uns 15 dias. Vamos ter, depois, uma outra reunião dos presidentes dos países e os primeiros-ministros, vamos ter uma conversa com o G-20.

O importante é que a partir dessa experiência frustrada e negativa nos Estados Unidos, o sistema financeiro precisa ser controlado. Na verdade, são bancos que emprestaram dinheiro que não tinham, que financiaram (**falha na gravação**). Enquanto no Brasil um banco de investimentos pode investir apenas 10 vezes o seu patrimônio líquido, aqui nos Estados Unidos chegou a investir 35 vezes o seu patrimônio líquido. Na medida em que estoura, não tem dinheiro para cobrir o buraco criado por eles próprios.

De qualquer forma, acho que foi importante, é um sinal positivo.



Estavam presentes o Durão Barroso, o Gordon Brown, o Zapatero, o presidente da União Africana, o presidente da Austrália, da Dinamarca, e eu. Pretendemos consultar outros líderes para que a gente tome iniciativa imediatamente. Obviamente, sabendo que a parte principal depende muito dos Estados Unidos. Sei que não é fácil, porque estão num processo eleitoral. O ideal seria que os dois candidatos pudessem assinar uma carta ao povo americano – como assinei uma carta ao povo brasileiro em 2002 – assumindo compromissos para passar tranqüilidade para o povo americano e para o mundo como um todo, na medida em que os Estados Unidos são a maior economia do mundo e qualquer crise aqui pode afetar todos os outros países.

**Jornalista:** Dinheiro público brasileiro, Presidente. Como é que fica essa questão com o Equador? A ministra das Relações Exteriores não descartou a possibilidade de um calote com o BNDES. Quer dizer, é um dinheiro público brasileiro que foi emprestado para uma empresa privada. (inaudível) cuidar desse assunto?

**Presidente:** Não tem nada a ver com o Equador o dinheiro emprestado para a empresa privada. A empresa vai arcar com a dívida que tem com o BNDES. Penso que nesses casos a gente não pode criar nenhum trauma.

Eu disse de manhã para vocês: a Odebrecht é uma empresa importante no Brasil, o Equador é um país importante nas relações com o Brasil. Se há uma divergência, é para isso que existe a política, tem que se sentar em torno de uma mesa e resolver. Quem errou paga o que errou, e a relação continua, porque o Brasil tem interesse em fazer muitos investimentos e em exportar muitos serviços para a América do Sul e a América Latina.

Não há nenhuma razão para causar uma celeuma entre uma empresa e um governo de Estado. Conserta-se o que está errado e a vida continua, porque é isso que todos nós precisamos.



**Jornalista:** E (inaudível) uma idéia de regulamentar melhor?

**Presidente:** É preciso regulamentar, não pode ficar solto. Você tem os bancos...

**Jornalista:** Mas como fazer isso internacionalmente?

**Presidente:** Através dos bancos centrais. Os bancos centrais se reuniram em Basileia durante tanto tempo e estabeleceram regras para todos os países emergentes. Por que não podem estabelecer regras para os países ricos? É apenas uma questão de disposição política. Eu acho que está na hora de todo mundo ser regulamentado, para que todo mundo saiba que há transparência no sistema financeiro mundial.

**Jornalista:** (inaudível) demoram muito para agir?

**Presidente:** Penso que houve uma demora. Também não é uma coisa fácil, porque as pessoas nunca sabem o tamanho do buraco. Ontem, no jantar, eu conversei com alguns banqueiros, nem eles ainda sabem efetivamente o tamanho do rombo que isso pode causar. O dado concreto é que se financiou demais sem dinheiro para cobrir o rombo, e ele aconteceu. Isso aconteceu na economia mais rica do mundo, portanto, é um problema.

Vocês estão lembrados de que o Brasil já teve um Proer. O sistema financeiro brasileiro, há um tempo, quebrou e o Estado foi obrigado a fazer uma intervenção para salvá-lo. Aqui é a mesma coisa. Esse fundo que o presidente Bush está propondo, de 700 bilhões de dólares, nada mais é do que a compra dos títulos podres que essas instituições de investimento praticaram no mercado.

A única coisa que eu quero é o seguinte: o Brasil... Possivelmente, a



geração de vocês, no Brasil, não viu o Brasil crescer. Foram vinte longos anos que a economia brasileira não crescia. Agora que pegamos o gostinho por crescer, que estamos gerando emprego, não vamos permitir que nenhuma crise do mundo atrapalhe a economia brasileira. Eu até acho que é preciso separar o que é crédito podre que temos que cuidar, do crédito para novos investimentos. O Brasil tem muitos investimentos, e é importante que a gente conquiste crédito para melhorar a situação do nosso país.

**Jornalista:** O senhor acha que o período do neoliberalismo, contra o qual o senhor lutou tanto, está encerrado?

**Presidente:** Está encerrado.

**Jornalista:** Acabou.

**Presidente:** Está encerrado, porque demonstra que também no sistema financeiro tem que ter seriedade, tem que ter ética. Não é apenas o cidadão comum que tem que ser sério, não é apenas a dona-de-casa que tem que saber cuidar das finanças do seu salário. O banco, tanto aquele de investimento, que não trabalha com dinheiro, trabalha só com papel, quanto aquele de varejo, também precisa agir com seriedade.

O que lamento profundamente é que eu, pelo menos nos últimos 20 anos, vi esses chamados “bancos de investimentos” darem palpite sobre a economia do Brasil, da China, da Rússia. Eles tentavam fingir que cuidavam de nós e não cuidavam deles próprios. Então, é preciso ter mais responsabilidade.

**Jornalista:** Obrigada.

(\$31EGJLQ)